“OS EFEITOS DO ANALFABETISMO EMOCIONAL NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM”.

Luiz Henrique de Paula.

Mestre em Ciências da Educação. UAA, Py

Doutorando em Ciências da Educação. UAA, Py

drluizhp@hotmail.com

**Resumo**

O presente estudo tem como objetivo “Analisar os efeitos do analfabetismo emocional em professores e alunos de graduação e pós graduação nas cidades de Santos e São Vicente dentro do processo ensino aprendizagem.

Considerando que o analfabetismo emocional tem causado diversos problemas nas relações pessoais e em vários ambientes; seja em casa com a família, na escola com os professores, alunos, colegas, direção, afetando assim o desempenho educacional e profissional desses atores. A pesquisa foi realizada em dois polos do Instituto educacional Cristal Santista com professores e alunos de graduação e pós graduação da zona urbana da cidade de Santos e São Vicente, São Paulo, Brasil. Os resultados ao final possibilitaram constatar que os atores e participantes da educação não conseguem desenvolver o melhor do seu potencial seja ele profissional, educacional ou mesmo familiar por causa do analfabetismo emocional.

**Palavras Chave** – Analfabetismo emocional, professores, alunos, família, prática profissional, ambiente escolar, ensino aprendizagem.

**Abstract**

The present study aims to "Analyze the effects of emotional illiteracy in undergraduate and postgraduate teachers and students in the cities of Santos and São Vicente within the learning teaching process.

Whereas emotional illiteracy has caused various problems in relationships in various settings; whether at home with the family, at school with teachers, students, colleagues, management, thus affecting the educational and professional performance of these actors.

The research was carried out in two poles of the Cristal Santista Educational Institute with professors and undergraduate and graduate students from the urban area of ​​the city of Santos and São Vicente, São Paulo, Brazil. The results in the end allowed to realize that the actors and participants of the education cannot develop the best of their potential be it professional, educational or even familiar because of emotional illiteracy.

**Keywords** - Emotional illiteracy, teachers, students, family, professional practice, school environment, learning teaching process.

**Introdução**

Nossa sociedade está doente emocionalmente, precisando urgente de ações que possibilitem a saúde emocional começando dentro dos lares na pequena sociedade e partindo para os ambientes formadores de opinião da grande sociedade, como a escola.

 Em virtude destas considerações se faz necessário esta pesquisa que tem como maior objetivo “Analisar os efeitos do analfabetismo emocional em professores e alunos de graduação e pós graduação nas cidades de Santos e São Vicente.

Dentro do processo ensino aprendizagem necessitamos vivenciar uma busca mais profunda do estudo na área emocional a fim de propiciar subsidios para o desenvolvimento de ações que eduquem emocionamente todos os atores envolvidos na educação.

Em nossa tempo a luta contra o analfabetismo é constante, estamos lutando e vencendo, mas necessitamos observar que existem outros tipos de anafabetismo que precisam ser perseguidos e exterminados.

Fechamos este artigo com os dados obtidos pela pesquisa qualitativa de campo, a entrevista, pois entendemos ser este o melhor instrumento para desenvolvermos a pesquisa.

**Metodologia**

A proposta da pesquisa permite conhecer mais profundamente as reais situações que se encontram os docentes de dois pólos do instituto de pós graduação Cristal Santista nas cidades de Santos e São Vicente, visto que é possível utilizar técnicas instrumentais que permitam o levantamento de dados, ou seja, para explicar melhor a utilização destas técnicas, Gil (2008), diz que o investigador pode desfrutar das “técnicas padronizadas de coleta de dados tais como: entrevistas, questionários e a observação sistemática”.

Com intenção de se chegar aos resultados propostos nos objetivos da pesquisa, optou-se por uma abordagem qualitativa, especialmente porque este tipo de abordagem permite uma maior amplitude e riqueza interpretativa dos dados, além de focar na subjetividade dos participantes, buscando-se compreender e interpretar os fenômenos em seus contextos. Campoy (2016).

**Os tipos de Analfabetismo no Brasil**

Segundo definição da UNESCO, “uma pessoa funcionalmente analfabeta é aquela que não pode participar de todas as atividades nas quais a alfabetização é requerida para uma atuação eficaz em seu grupo e comunidade, e que lhe permitem, também, continuar usando a leitura, a escrita e o cálculo a serviço do seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento de sua comunidade”.

Entende-se por analfabetismo funcional a falta de capacidade que uma pessoa têm de compreender o texto que acabou de ler, ou seja, quando, mesmo que as pessoas saibam ler e escrever, apresentam incapacidade para interpretar o texto que lhes foi dado para ser interpretado. Este tipo de analfabetismo é bastante comum.

Pode-se afirmar que, nos dias de hoje, a sociedade está experimentando uma nova forma de analfabetismo, chamado de analfabetismo digital. Este tipo de analfabetismo está relacionado com a falta de conhecimento necessário para utilizar computadores pessoais, celulares e agendas eletrônicas e dominar os sistemas que operam estas máquinas como, por exemplo, navegar na rede mundial de computadores.

O analfabetismo vem sendo reduzido no Brasil entre a classe mais jovem e os adultos passou de 11,5% em 2004 para 8,7% em 2012, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad). Essa redução se apresenta mais significativa no Norte e Nordeste, onde estão localizados os maiores índices de analfabetismo do país. Na faixa de 15 a 19 anos, a Pnad de 2012 registra taxa de analfabetismo de 1,2%, muito inferior à média geral, o que demonstra a efetividade das políticas em curso para a educação básica.(IBGE 2017)

Nessa última década, o Ministério da Educação construiu uma política sistêmica de enfrentamento do analfabetismo. O programa Brasil Alfabetizado é uma ação do governo federal desenvolvida em colaboração com estados, Distrito Federal e municípios. O programa garante recursos suplementares para a formação dos alfabetizadores; aquisição e produção de material pedagógico; alimentação escolar e transporte dos alfabetizandos. Prevê, ainda, bolsas para alfabetizadores e coordenadores voluntários do programa. Entre 2008 e 2012, 6,7 milhões de jovens e adultos foram beneficiados pelo Brasil Alfabetizado. É importante destacar que, para a efetivação da alfabetização no Brasil deve-se integrar uma política de educação de jovens e adultos, para que os estudantes deem continuidade a esse processo educacional.



**Analfabetismo Emocional**

Quando comparamos o analfabetismo funcional com o Emocional podemos perceber características semelhantes, pois as pessoas que passam por essa realidade não conseguem interpretar e liderar suas emoções e nem a dos outros sendo levados por suas emoções aos porões emocionais. Ao invés de usar a emoção para o seu benefício e do outro, ate mesmo da sua família, ele acaba destruindo relacionamentos e desistindo de ensinar, aprender e se desenvolver.

Grandes escolas com mais de 1000 alunos, uma equipe preparada de professores, e os demais atores da educação tem muita capacidade para administrar e gerir bem essa escola mas não sabem liderar sua própria vida emocional, são verdadeiros barcos a deriva, pessoas desorganizadas, desorganizando famílias inteiras e criando traumas por onde quer que passem, além de promover nas novas gerações a ignorância e o analfabetismo emocional que reflete na escola entre alunos e professores, pais e professores etc... sem falar que o analfabetismo emocional influencia diretamente as práticas cotidianas e o desenvolvimento pessoal e profissional de todos.

Para Damásio (2000), o que distingue essencialmente sentimento de emoção é: enquanto a primeira é orientada para o interior, o segundo aponta para o exterior; ou seja, a pessoa sente uma emoção, da qual surge um “efeito” interno, o sentimento.

Os sentimentos geram emoções, que geram pensamentos. Nessa relação sentimento / emoção / pensamento partimos para a ação que pode ser positiva ou negativa de acordo com a interpretação da comunicação.

As Emoções podem ser Primárias: raiva, tristeza, medo e alegria. Tais emoções possuem uma relação com a sobrevivência e ao bem-estar psicológico, também são as emoções das quais as pessoas lamentam tê-las expressado de maneira tão intensa ou equivocada e frequentemente se arrependem (ABREU 2005).

As emoções secundárias desenvolvem-se em uma categoria de emoções usadas pelo indivíduo para proteção das primárias que muitas vezes são vergonhosas, ameaçadoras, embaraçosas ou dolorosas normalmente. Por exemplo: uma pessoa pode estar se sentindo deprimida, mas sua depressão pode estar encobrindo um sentimento primário de raiva. Aparecem quando as tentativas não dão certo, de controle ou julgamento das emoções primárias – ou seja, quando se procura evitar ou negar aquilo que se está sentido, acaba-se por sentir-se mais mal ainda. É assim que se tornam desadaptativas, pois levam o indivíduo a se auto desorganizar (ABREU 2005).

A inteligência emocional para Daniel Goleman (2001), é a capacidade de reconhecer nossos próprios sentimentos e os das pessoas com as quais nos relacionamos, a fim de melhor gerenciar nossas próprias emoções e aquelas que envolvem as nossas relações. Já o analfabetismo emocional demonstra a integral incapacidade da pessoa de lidar com as próprias emoções e com as dos outros.

Como existe um tempo para cada pessoa aprender a leitura, a escrita, há também um tempo ideal para aprender a liderar de maneira equilibrada as emoções, isso corresponde as primeiras fases de vida: infância, adolescência e juventude, mas também podemos começar a aprendizagem emocional em fases posteriores da vida. Nunca é tarde demais se lutamos por uma boa saúde, e nos empenhamos na tarefa.

  Aprendemos com outras culturas, desenvolvemos a parte do nosso cérebro relacionada à matemática, música, linguagem… mas não educamos a parte relacionada às emoções. Assim, não é de surpreender que os jovens e muitas pessoas que chegam ao meio de suas vidas se sintam completamente “perdidos”, eles não são donos de si mesmos. Eles negligenciaram uma aprendizagem essencial, a emocional.

**Analfabetismo Emocional e o Ensino Aprendizagem**

As grandes batalhas são travadas em nossas mentes, o desequilíbrio emocional acontece quando não conseguimos organizar as emoções, e somos levamos pela raiva, ira, ódio, medo, tristeza, ansiedade etc… e não conseguimos desenvolver um ensino aprendizagem de qualidade, por isso precisamos nos educar.

Pensando na saúde emocional dos atores da educação, as doenças são desencadeadas por conflitos nas relações normalmente dentro da escola ou até familiares, longa e exaustiva jornada de trabalho, diversidade e complexidade das atividades, dificuldades inerentes às relações em sala de aula, desvalorização pessoal, progressiva desqualificação e escasso reconhecimento social do trabalho de professor (GOMES 2016). Esse tipo de vida emocional reflete também no aprendizado do aluno pois o professor analfabeto emocionalmente não consegue desenvolver suas práticas pedagógicas com excelência, e em muitos casos acaba descarregando sua tensão em seus alunos. Os alunos por suas vez também tem reflexos do analfabetismo emocional principalmente na desistência e mudança constante em seus estudos, relacionamentos frustrados dentro e fora da universidade, e também a possível agressividade.

Conforme Vigotsky (1999) descreve, a aprendizagem estará comprometida, pois emoções implicam diretamente na atividade intelectual do aluno. Não conseguimos controlar nossas atitudes quando ficamos afetados por algum estímulo. Segundo a visão de Vigostsky a importância das relações interativas sociais é necessário também ser considerada a proposta da mediação e da internalização como ponto crucial para a aprendizagem. O autor desenvolve o pensamento de que é nas interações sociais que ocorre a construção do conhecimento. Então todo ser humano precisa da interação com outras pessoas para se desenvolver. O ser humano vai também construindo seu próprio sujeito e sua forma de agir, a presença e ação do outro se tornam fundamental no processo de aprendizagem.

Pensando no ensino superior podemos perceber que os métodos não podem ser só um motivador de transmissão de conhecimentos, têm também, o compromisso de formar indivíduos, de capacitá-los para um viver equilibrado, pensando em um ser humano integral, preparando-o para a cidadania, tornando os alunos protagonistas de sua existência, privilegiados do progresso social (COSTA, 2002).

O pensamento de Stenhouse (2007) colaborou com os professores em seu trabalho em sala de aula, dando uma nova abordagem sobre como construir e aplicar o currículo, de modo que este seja um elemento-chave, tanto para o aprendizado do aluno quanto para o aprendizado e para a formação contínua do professor. O trabalho desse autor é um convite para começar a praticar, já, o método de investigação na ação e o modelo de processo curricular em nossas escolas, como meio ideal de diversificação e adaptação de propostas e, consequentemente, de elevação da qualidade educacional. Se algum tempo poderia ter sido favorável para a introdução em nosso sistema educacional de um conceito de design curricular como o que estamos considerando, é isso.

A inovação educacional, a elevação da qualidade do ensino, a atualização permanente dos professores e a autonomia de funcionamento das escolas fazem com que seja não só aplicável, mas necessário para o desenvolvimento integral da educação.

A formação do aluno deve ser dentro dessa proposta onde esse aluno será um investigador proporcionando assim uma visão global do  mundo, construindo uma formação integral do homem e não somente o saber de uma profissão. As multiformes propostas da aprendizagem no nível do ensino superior são: o desenvolvimento da compreensão e a capacidade de aplicação de conhecimentos a situações práticas variadas, o estudante, passa de um sujeito passivo do ensino para um sujeito ativo da  aprendizagem. (STENHOUSE 2007)

Para Wallon e Vygostky (apud FONSECA, 2006), o vínculo afetivo e de respeito entre o educador e o aluno é fundamental para construção do conhecimento efetivo. A qualidade da interação pedagógica também irá conferir um sentido afetivo para o aluno, o que significa dizer que estar na escola será um prazer, ele acaba aprendendo mais, e temos que considerar também nesse processo as experiências vividas.

Pensando no desenvolvimento do ensino aprendizagem como forma de destruir o analfabetismo emocional e criar uma vida preventiva onde o desenvolvimento do respeito e da confiança entre professor-aluno e de aluno-aluno faz com que cada ser humano consiga aprender a liderar seus sentimentos e emoções de forma natural e assim o professor passa a observar e conhecer as dificuldades dos seus alunos. Na visão do processo do conhecimento aparece de forma gritante situações importantes que requer dos atores da educação observar os obstáculos que existem nesta busca pela afetividade aluno-professor. Alguns dos obstáculos encontrados são: os comportamentos indesejáveis dos alunos e professores, o meio em que vivem, promiscuidade e carência afetiva familiar, as decepções e crises proporcionadas pela atividade ensino aprendizagem, é importante frisar que são pessoas de carne e osso e apresentam limitações como: falta de motivação pessoal e profissional, a baixa estima, o salário insuficiente, a não valorização do trabalho social que eles desempenham a falta de apoio das próprias famílias dos professores e dos alunos, o medo de perder o controle na sala de aula que gera atitudes por parte dos professores que são nocivas a afetividade (RIBEIRO, 2005).

**Resultado da Análise e interpretação de Dados**

Foram entrevistados 15 professores e 15 alunos no instituto de ensino Cristal Santista.

O processo que seguimos para estabelecer as categorias foram as seguintes:

1º Leitura em profundidade e análise das entrevistas obtidas;

2º Agrupamentos das informações obtidas por meio do instrumento da pesquisa em função de um eixo temático comum;

3º Dar nome a esse eixo, isto é, definir cada categoria.

Fruto desse trabalho temos as seguintes categorias:

1. **A percepção da presença de analfabetismo emocional dentro da sala de aula da parte do professor e dos alunos.**

Essa análise possibilitou percebemos que o analfabetismo emocional na percepção de professores e alunos só aparece quando influencia diretamente na sala de aula o processo de ensino aprendizagem, em alguns casos os alunos em seus relacionamentos conseguem perceber o estado emocional do colega e do professor, mas não atentam para os sintomas, somente quando é no próprio aluno ou no professor, e cada um desses atores normalmente não sabem o que fazer sentindo somente os sintomas e consequências do analfabetismo emocional.

1. **Os efeitos internos e externos na manutenção do analfabetismo emocional.**

Os efeitos mais percebidos são: uma auto estima baixa, desmotivação de continuar o processo de formação, desmotivação do professor em suas praticas pedagógicas, a falta de interesse por uma determinada matéria cujo professor não lidere suas emoções, a aparição de transtornos emocionais que determinam a desistência dos atores. Outro ponto é a questão familiar que diante da pesquisa foi um ponto muito forte na desestabilização emocional de ambos os atores, crises entre professores e alunos, alunos e professores, professores e direção, alunos e equipe de direção. Também percebeu-se que a situação financeira influencia diretamente na manutenção do analfabetismo emocional e na desistência da carreira.

1. **Os efeitos do analfabetismo emocional no processo ensino aprendizagem.**

Os atores que sofrem pelo analfabetismo emocional são muitas vezes levados a não conseguirem aprender, mas se tornam passivos, e em muitos casos bloqueiam a possibilidade de qualquer desenvolvimento naquela determinada área, levando para outras áreas do aprendizado chegando até a desistir de sua carreira. Os professores semelhantemente não conseguem desenvolver seu potencial pedagógico e acabam não suportando, mudam suas carreiras e ate abandonam em casos mais críticos de aparição de transtornos.

1. **Ações para evitar o analfabetismo emocional no ensino aprendizagem.**

Através dessa questão podemos perceber que o analfabetismo emocional limita o desempenho tanto do professor como do aluno no processo ensino aprendizagem e que os atores quando levados a pensar sobre esse tema sabem até o que fazer, como por exemplo: Ter palestras sobre o assunto, evitar o estresse, buscar ajuda, ter uma comunicação mais saudável, não se envolver em problemas emocionais ao ponto de influenciar a sua vida, não trazer os problemas de casa para a sala de aula, fazer terapia.

1. **Sugestões preventivas de saúde emocional e pedagógicas.**

A maioria dos entrevistados responderam que saber colocar limites é essencial em tudo na vida, principalmente nas questões emocionais. Alguns relataram a necessidade de colocar no currículo uma matéria na área emocional, e os professores terem um tempo de capacitação também nessa área.

Outra sugestão seria buscar um autoconhecimento mais profundo que possibilite se alfabetizar emocionalmente e com isso consigo os efeitos esperados no processo ensino aprendizagem.

**Conclusão**

Podemos Concluir que os resultados encontrados na aplicação das técnicas e instrumento condiz com os novos resultados que presenciamos, pois percebemos que ao analisar os efeitos do analfabetismo emocional em professores e alunos de graduação e pós graduação nas cidades de Santos e São Vicente dentro do processo ensino aprendizagem podemos perceber o quanto ainda existe a dominância do analfabetismo emocional no processo ensino aprendizagem, e que os principais autores, dentro de sua maioria ainda não sabem como vencer esse mal que atinge diretamente as práticas pedagógicas e o processo ensino aprendizagem, além de roubar sonhos e destruir carreiras que poderiam ser brilhantes. Devido essa pesquisa no desenvolvimento de resultados encontrados foram muito satisfatórios, mas projetam a necessidade de trazer novas reflexões e consequentemente novas atitudes que favoreçam positivamente o potencial, a prevenção e a qualidade de vida dos atores da educação, pois isso trará o máximo do desenvolvimento da carreira, da identidade e do sentimento de felicidade do professor em ter o seu dever cumprido, e do aluno em concluir seu processo parcial de vida.

**Bibliografia**

CAMPOY, T. (2016) Metodología de la investigación científica. Ciudad del Este (py) U.N.C. del Este.

GOLEMAN, Daniel. Trabalhando com a inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ABREU, Cristiano Nabuco de e-FILHO, Raphael Cangelli. A abordagem cognitivo-construtivista de psicoterapia no tratamento da anorexia nervosa e bulimia nervosa. Rev. bras.ter. cogn.[online]. 2005, vol.1, n.1, pp. 45-58.

COSTA, J. V. (2002). A pedagogia no ensino superior e o insucesso escolar. A Universidade Portuguesa - um debate necessário. Porto: Porto Editora.

DAMÁSIO, Antônio. O Sentimento de Si, Tradução de M. F. M revista pelo autor Europa-América, 2000.

Gil, A. C. (2008). Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo. Atlas.

LEITE, S. A. da S. Dimensões afetivas na relação professor-aluno In: TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 47-74.

 RIBEIRO, M.; JUTRAS, F.; LOUIS, R. Análise das representações sociais da afetividade na relação educativa. Psic. da Ed., São Paulo, v. 20, , p. 3154, 2005. Disponível em: <http//pepsic.bvspsi.org.br/pdf/psie/v20/v20 a 03. Pdf>. Acesso em: 04 jun. 2012.

STENHOUSE. Lawrence Investigación como base de la enseñanza. Editora: Ediciones Morata, S.L.; Edição: 1- 2007

VIGOTSKY, L. S. O desenvolvimento psicológico na infância. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WALLON, H. A Evolução Psicológica da Criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Acesso 20/01/2019 <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=19110>

https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015